

ENTREVISTA (em português)

VERÓNICA ORIHUELA
Por Debora Cristina Lopez



“O rádio é um gerador de espaços de discussão, especialmente de comunidades estudantis onde se estabelecem normas não declaradas de confiança, empatia e apoio”.

Os desafios da perspectiva de gênero no rádio universitário

A violência contra a mulher se constrói física, psicológica e estruturalmente. Se por um lado, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020) revelaram quase 300 mil registros de agressões físicas contra mulheres (totalizando mais de 30 registros por hora), também são registradas, como lembra Juliana Gobbi Betti (2021, p. 24), “ocorrências de assédio, ameaça, cárcere privado, violência obstétrica, moral, patrimonial, psicológica, institucional e virtual”. Para a autora, algumas dessas violências são naturalizadas,

afetando estruturalmente as relações sociais e o campo comunicacional.

Como lembra Veloso (2005), o machismo estrutural e o papel de submissão atribuído à mulher afetam também sua capacidade de se comunicar e de assumir papéis de liderança. O que observamos na vida política (BETTI, 2021) pode ser também extrapolado para as universidades, espaços de domínio institucional masculino. Como lembram Miranda et al. (2013), o mercado de trabalho mundial tem menor presença de mulheres em cargos de gestão, além de uma série de barreiras impostas pelo gênero. Moschkovich e Almeida (2015) indicam que os homens avançam mais rapidamente ao topo da carreira (e predominam no nível mais alto), assim como são mais propensos a assumir cargos administrativos como direção de unidade e coordenação de pós-graduação, enquanto as mulheres assumem mais coordenações de graduação, de menor visibilidade institucional.

Essa organização das instituições pode ser também extrapolada para as emissoras universitárias, que estão inseridas no mesmo contexto organizacional. Para entender as implicações das questões de gênero na radiodifusão universitária, entrevistamos a pesquisadora e comunicadora Verónica Orihuela, responsável pela emissora Concepto Radial do Instituto Tecnológico de Monterrey, campus Cidade do México, e ex-presidente da Red de Radios Universitarias de Mexico (RRUM). Verónica desenvolve também atividades para equacionar a desigualdade de gênero no âmbito da Radio Internacional Universitaria (RIU), a chamada rede das redes de emissoras universitárias.

Debora Lopez: Na atual gestão da RIU, você é responsável pela comissão de gênero. O que é esta comissão e qual é o seu papel na radiodifusão universitária e na RIU?

Verónica Orihuela: A Comissão de Gênero e Diversidade foi fundada em 2019 com o

objetivo principal de promover a perspectiva de gênero nas rádios universitárias, integrando o tema ao conteúdo radiofônico em geral. Além disso, gerar espaços de diálogo e troca entre mulheres e/ou grupos vulneráveis, a fim de contribuir para a

formação de sociedades mais justas e igualitárias.

Debora Lopez: Para entendermos esse contexto, como você compreende o papel do rádio universitário nas instituições de ensino e em relação à sociedade?

Verónica Orihuela: As universidades são espaços onde o conhecimento é gerado, aplicado e disseminado, onde são formados profissionais com determinadas competências e valores. O rádio universitário participa em boa parte destes processos, não só através da divulgação de trabalhos acadêmicos, de investigação e co-curriculares, mas também deve formar comunicadores de diferentes disciplinas, o que evidentemente contribui para a constituição da cidadania. Ou seja, as pessoas que durante os seus estudos profissionais se permitem colaborar na rádio da sua universidade desenvolvem competências transversais que posteriormente lhes permitem funcionar e estabelecer redes sociais. As rádios universitárias não devem ser vistas apenas como uma entidade acadêmica da qual participam apenas especialistas, mas devem ser espaços de criação onde especialistas e alunos dialoguem e promovam esse diálogo dentro e fora da universidade.

Debora Lopez: Historicamente, é possível observar desafios e restrições à participação feminina no rádio. O que esses desafios representam e como esse movimento histórico se reflete nas rádios universitárias de hoje?

Verónica Orihuela: As mulheres universitárias deste momento, pelo que pude observar em várias rádios pelo mundo, fazem parte dos grupos e coletivos que manifestam e expressam seu cansaço e repúdio ao sistema que Rita Segato chamou de "história patriarcal". As rádios universitárias contam com a atuação das jovens que se manifestam e protestam, que se formam sem ter pensado nisso como militantes, mas que têm como objetivo claro a desconstrução de tudo o que está inscrito nas leis de um patriarcado que se recusa a abrir mão do poder porque a cultura o educou assim. Ele também recebeu uma identidade baseada no que hoje podemos definir como violência de gênero.

Debora Lopez: Pensando no rádio universitário como espaço de formação e inovação, defendido por Daniel Martín-Pena e Teresa Piñero, como pensar o debate de gênero? Como essa questão afeta o processo formativo?

Verónica Orihuela: Esse debate de gênero

deve ser transversalizado. Quer dizer, não há debate se não for transversalizado, mas isso tem que partir das autoridades universitárias e é neste ponto que as coisas acontecem a partir de outro ponto, das comunidades universitárias. Por não ter se criado um protocolo de gênero, descobriu-se que um produto do #MeToo nasceu em 2006, mas ganhou força em 2017 quando se tornou viral com as atrizes denunciando o assédio pelos cineastas e passou a haver pressão dos jovens universitários em movimentos por toda parte. “O estupro é você” surge no campo educacional. Assim, as autoridades universitárias e a própria ONU, que nada fizeram para enfrentar os feminicídios, as violências de todos os tipos permitidas pelos governos contra as mulheres, acabaram lançando o He for She. Mas isso não acontece se não houver pressão da sociedade. É assim que o processo de formação é afetado, porque agora os professores têm que respeitar as alunas, agora são realizados cursos e oficinas para que os alunos aprendam sobre direitos humanos e obtenham competências independentemente da carreira que cursem. Mas isso ocorre em algumas universidades. Ainda há um longo caminho a percorrer, pelo menos no México, onde a cada dia morrem 10 mulheres por sua condição de gênero. A

inovação social é necessária e acontece quando aprendemos no campo de ação, diretamente no ângulo social, não na sala de aula. A rádio contribui fazendo um trabalho jornalístico, contando as histórias, gerando espaços onde se formam comunidades de estudantes, onde a diversidade e o respeito apenas pela sua condição de ser humano estão em primeiro lugar.

Debora Lopez: A perspectiva cidadã e participativa do rádio, como a de Marina Vázquez, pode contribuir para pensar as práticas radiofônicas inseridas no debate de gênero? Como isso aconteceria?

Verónica Orihuela: Como o que mencionei ao final da pergunta anterior. O rádio é um gerador de espaços de discussão, especialmente de comunidades estudantis onde se estabelecem normas não declaradas de confiança, empatia e apoio. O rádio não é mais massivo, durante muito tempo essa condição é a mesma da TV. A existência do rádio, a meu ver, está precisamente na sua utilidade para as comunidades vulneráveis e, claro, na sua capacidade informativa. Já vemos que as pessoas voltaram ao rádio na pandemia só porque queriam informações confiáveis ou para se divertir além da música, queriam se sentir acompanhadas, há muitos estudos hoje

sobre isso. Se a rádio quer continuar e ter um impacto positivo na sua audiência, deve ter como foco o seu contexto e, assim, ser capaz de fortalecer a construção cidadã.

Debora Lopez: Ainda nesse sentido, quando pensamos na relação entre a rádio universitária e seu público, qual o papel do debate sobre gênero?

Verónica Orihuela: O papel é o de meio informativo em todos os seus formatos e o de tornar o sujeito mais visível, ou seja, dar voz às mulheres ou a qualquer grupo vulnerável que o sistema capitalista que formou os grandes conglomerados midiáticos não permitiu que essas vozes fossem ouvidas. Temos que fazer o que a rádio comercial e às vezes a própria rádio pública não fazem por causa de sua proximidade com os governos.

Debora Lopez: Quais são os principais desafios a enfrentar? E igualmente importante: quais são as principais conquistas?

Verónica Orihuela: Acho que há um longo caminho a percorrer. As rádios universitárias em muitos países ainda operam dentro de uma cultura sexista igual a outras mídias e instituições. Embora haja progresso, há rádios que já possuem protocolos de gênero e

conteúdo *mainstream*, mas ainda há muito para espalhar e acima de tudo para trabalhar. Eu resumiria os desafios nisso: a transversalização do conteúdo e dentro do rádio em uma estrutura de trabalho permeada pela perspectiva de gênero onde, por exemplo, uma produtora ou comunicadora tem um espaço para amamentar seu bebê ou simplesmente não seja agredida pelos patrões. As conquistas para quem as possui, ter espaços de debate e discussão sobre gênero. Isso me parece um grande passo e, também, o fato de estarmos falando disso para uma pesquisa acadêmica já parece uma conquista. E as que chegam em resultados dos processos de comunicação, como por exemplo na Argentina, onde existe a possibilidade de uma mulher decidir o que vai fazer quando estiver grávida sem ser penalizada por isso. Isso parece uma grande conquista para mim.

Sobre a entrevistada

Verónica Orihuela tem vasta experiência em rádios universitárias e na interface com questões de gênero. Foi fundadora e presidente da Rede de Rádios Universitárias do México, da qual também foi vice-presidente de Comunicação e Formação Acadêmica. Estudou Comunicação e Relações Públicas na

Universidade Latino-Americana e fez um Mestrado em Estudos Humanísticos no Tecnológico de Monterrey e na Escola da Sociedade Geral de Escritores do México (SOGEM). Trabalhou na Radio Educación por pouco mais de 10 anos e colaborou no Instituto Mexicano de la Radio.

Em 1995 escreveu para a revista XELA a coluna “Clásicos en la internet” sobre música acadêmica ou sites relacionados a ela que apareciam na internet. Ingressou no Tecnológico de Monterrey, Campus da Cidade do México em 1999, onde começou a trabalhar na Coordenação de Laboratórios de Áudio.

Em 2000, passou a lecionar Produção de Rádio e a coordenar a Concepto Radial, onde atua até hoje. Lá, realizou diversas atividades, desde implementar a programação e a equipe de pessoal até desenvolver projetos que incluem a organização de concertos, conferências, estreias de filmes, mesas de debate político, transmissões especiais de feiras do livro, eventos esportivos ou festivais de gênero, eleições federais de 2006, 20012 e 2018.

Tem trabalhado com equipes de estudantes em reportagens e documentários para a Rádio Nderland publicados em seu site “El Toque”. Além disso, com a Kjzz, do Arizona, nos EUA, desenvolveu projetos de conteúdo jornalístico e organizou uma visita de estudantes em 2015, que incluiu entrevistar o polêmico prefeito Joe Arpaio e cobrir o encerramento da campanha de Hillary Clinton em Phoenix. Com ambas as instituições, Radio Nderland e Kjzz, assinou um acordo de colaboração que incluiu principalmente: oficinas de áudio e vídeo jornalismo para estudantes, intercâmbio de programas de rádio e materiais de vídeo, visitas às suas estações de trabalho e, no caso da Rádio Nderland, várias conferências.

Verónica participa de atividades da Red de Radios Universitarias de México (RRUM) e da Radio Universitaria Internacional (RIU) – Red de Redes da qual também é fundadora.

>> Como citar este texto:

LOPEZ, D. C. Os desafios da perspectiva de gênero no rádio universitário. Entrevista: Verónica Orihuela. Trad. Debora Cristina Lopez. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 01, p. 181-186, jan./abr. 2021.

Referências

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario->

[2020-final-100221.pdf](#), acesso em 15 abril 2021.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

MIRANDA, A. R. A.; FONSECA, F. P.; CAPPELLE, M. C. A.; MAFRA, F. L. N.; MOREIRA, L. B. O exercício da gerência universitária por docentes mulheres. **Revista Pretexto**, v. 14, n. 1, p. 106-123, 2013.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 749-789, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582015000300749&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 13 mai. 2021.
<https://doi.org/10.1590/00115258201558>.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. O fenômeno Rádio Mulher: comunicação e gênero nas ondas de rádio. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.